

POR UMA HISTÓRIA DO CONCEITO ESPORTE

DIÁLOGOS COM REINHART KOSELLECK*

DR. VICTOR ANDRADE DE MELO

Pós-doutorado em teoria crítica da cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professor associado da UFRJ (Rio de Janeiro – Brasil)

E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

RESUMO

Reinhart Koselleck foi um historiador alemão que se dedicou a investigações e debates relacionados à teoria da história e à história moderna e contemporânea. É a partir do diálogo com suas ideias que este artigo objetiva apresentar alguns apontamentos sobre as contribuições da história dos conceitos para as investigações que têm como objeto as práticas corporais institucionalizadas, entre as quais o esporte, esperando colaborar para chamar a atenção para a necessidade de aumento do rigor e da profundidade das análises/interpretações relacionadas a esses objetos.

PALAVRAS-CHAVE: História do esporte; história dos conceitos; teoria da história.

* Auxílio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), edital 8/2009. Não houve conflitos de interesses para a realização do presente estudo.

INTRODUÇÃO

A história dos conceitos coloca-se como problemática indagar a partir de quando determinados conceitos são resultado de um processo de teorização. Essa problemática é possível de ser empiricamente tratada, objetivando essa constatação, por meio do trabalho com as fontes (KOSELLECK, 1992, p. 3)¹.

Reinhart Koselleck foi um historiador alemão que se dedicou a investigações e debates relacionados à teoria da história e à história moderna e contemporânea. Entre seus trabalhos, destacam-se *Crítica e crise*² e suas reflexões acerca das possibilidades e especificidades de construção de uma história dos conceitos. É com as ideias desse autor (inclusive a partir de outros pesquisadores que com ele estabeleceram contato) que vamos dialogar neste artigo, assumidamente mais problematizador do que conclusivo.

A história dos conceitos “proliferou como um modo particular de história reflexiva da filosofia e do pensamento político e social, tendo se desenvolvido a partir das tradições da filologia, da história da filosofia e da hermenêutica”³ (JASMIN, 2005, p. 31). Inicialmente sistematizada por Otto Bruner, bastante difundida graças às ações de Koselleck, sua configuração partiu de uma crítica à baixa contextualização de ideias e conceitos utilizados em investigações históricas, a um olhar essencial acerca de algumas noções, o que estaria na raiz de abordagens equivocadas de anacronismo. Assim, a proposta é que

Os conflitos políticos e sociais do passado devem ser descobertos e interpretados através do horizonte conceitual que lhes é coetâneo e em termos dos usos linguísticos, mutuamente compartilhados e desempenhados pelos atores que participaram desses conflitos (idem, *ibidem*).

Este artigo objetiva apresentar alguns apontamentos sobre as contribuições da história dos conceitos para as investigações que têm como objeto as práticas corporais institucionalizadas, entre as quais o esporte. Esperamos chamar a atenção

-
1. Em todas as citações de Koselleck referentes ao artigo de 1992, a numeração da página é a da versão eletrônica.
 2. Sua tese de doutorado finalizada em 1954, publicada pela primeira vez na Alemanha em 1959 e no Brasil em 1999.
 3. Parece relevante afirmar que fora da Alemanha sua emergência é relativamente recente e “a discussão em torno de (suas) possibilidades e proposições [...] não tem sido frequente entre nós” (JASMIN; FERES JÚNIOR, 2006, p. 22).

para a necessidade de aumento do rigor e da profundidade das análises/interpretações relacionadas a esses objetos.

Como motivações para entabular esse esforço, partimos de alguns pressupostos:

- Herdeira direta das contribuições da nova história cultural, a sistematização de uma “subdisciplina” (ou “domínio”, se quisermos dialogar com a proposta de Barros, 2004⁴) chamada “história do esporte”, ainda que existam iniciativas anteriores, é relativamente recente tanto no cenário internacional (década de 1970) (BURKE, 2005) quanto no brasileiro (década de 1990) (MELO, 2007a).
- No que se refere às investigações, talvez até mesmo por sua estruturação recente, estamos de acordo com Booth (2000), de que são necessários mais investimentos em discussão metodológica, já que

[...] poucos acadêmicos consideram a inovação metodológica como uma característica da História do Esporte. Ao contrário, não só a maioria dos historiadores é tímida em temas filosóficos e práticos que envolvem metodologia, como aqueles que discutem seu método o fazem em apêndices ou notas de rodapé (p. 5).

- Ainda persiste uma série de questões conceituais que precisam ser enfrentadas. Hill (1996), por exemplo, critica a carência de um rigor maior na definição do que pode ou não ser considerado esporte.
- O que tem sido chamado de “história das práticas corporais institucionalizadas” abarcaria, em um mesmo campo de investigação, sem excluir outras possibilidades de diálogos, práticas sociais como o esporte, a capoeira, a dança, a ginástica, a educação física (entendida enquanto uma disciplina escolar e como uma área de conhecimento), atividades específicas de períodos anteriores à era moderna (da Antiguidade e da Idade Média), entre outras (MELO, 2007a). A despeito dessa conceituação, para facilitar o entendimento e/ou em função de questões operacionais, em muitas oportunidades usamos “história do esporte” como metonímia. Especificamente neste artigo, o termo será usado em sentido restrito, isto é, estaremos tratando somente do objeto esporte.
- Devemos também ter em conta as contribuições para a constituição de um campo de investigação, denominado de “estudos do esporte”, que

4. Segundo o autor, “domínio” é uma das possíveis subdivisões do campo da história (junto com a “dimensão” e a “abordagem”), correspondendo a “uma escolha mais específica, orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador” (p. 20).

contemplaria o estudo das práticas corporais institucionalizadas a partir de uma perspectiva multidisciplinar. Em nosso ponto de vista, nesse projeto devemos-nos aproximar da perspectiva dos estudos culturais, algo distinto do que ocorre no cenário internacional, em que os *sports studies* parecem constituir-se mais a partir de uma predominância da sociologia⁵.

É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DO CONCEITO DE ESPORTE?

De início, devemos-nos perguntar: É possível pensar em uma história do conceito *esporte*?

Koselleck chama a atenção para que se perceba que há distinções entre as palavras e os conceitos: “Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos” (2006a, p. 107). *Esporte* historicamente atenderia a esses requisitos? Há um grau de generalização e polissemia suficiente para o considerarmos um conceito?

Quais são os critérios para se definir que conceitos devem ser alvos de pesquisas? Jasmin (2007), ao responder essa pergunta, lembra que Koselleck se debruçou sobre “conceitos articuladores”, noções amplas que estruturam a comunicação política (exemplificando: Estado, liberdade, igualdade, partido, República), mas sugere que a história dos conceitos não está restrita a essa possibilidade: “todo conceito relevante em determinado contexto político e social, nacional e internacional, deve ser averiguado” (s.p.). Se, de fato, os conceitos de natureza política ainda são os mais investigados, afirma Palonen (2006) que cada vez mais há aproximações com conceitos culturais.

Ao ser perguntado, por Feres Júnior, se é possível falar em uma história conceitual do futebol, Palonen (idem) cita o trabalho de Andrei Markovits⁶, afirma que o seu interesse no assunto é limitado e acaba por não responder claramente à questão. Até esse momento não conseguimos mais informações sobre essa aproximação com o esporte, mas ao menos há indícios de que já foi buscada.

Feres Júnior (2007) também comenta que Koselleck estava interessado em “conceitos-chave, *Grundbegriffe*, aqueles centrais aos discursos políticos e sociais”, mas, questionando certas posturas e fronteiras, declara:

5. Como exemplo, ver a obra organizada por Coakley e Dunning (2000).

6. Está falando do professor da University of Michigan in Ann Arbor, que possui vários estudos sobre o esporte.

Concordo que devemos fazer histórias de conceitos mais atuais, em períodos mais curtos, pois esses conceitos nos interessam mais do que antiguidades empoeiradas. Por fim, acho deplorável a falta, em nossa produção acadêmica, de análises conceituais que toquem temas atuais (s.p.).

Como é possível ver, a literatura não é conclusiva acerca da possibilidade de uma história do conceito *esporte*. No decorrer do artigo, espero que a argumentação construída apresente elementos suficientes para confirmar essa suposição. Assim sendo, um primeiro passo deve ser “indicar a partir de quando (o) conceito tornou-se fruto de uma teorização e quanto tempo levou para que isso acontecesse” (KOSSELCK, 1992, p. 2). A partir de que momento o conceito de *sport* foi resultado de uma teorização? Quando se sistematizou, o que expressava?

Devemos perceber que não se trata somente de um esforço etimológico. Koselleck afirma que a palavra é um fundamental indicador para que possamos conceber a prática enquanto uma realidade histórica, mas também considera “teoricamente errônea toda postura que reduz a história a um fenômeno de linguagem, como se a língua viesse a se constituir na última instância da experiência histórica” (idem, p. 3). Para ele, de forma complexa, uma experiência histórica específica gera a necessidade de um termo que a conceitua; esse termo/conceito torna possível (inclusive enquadrando, mas também apontando desdobramentos) a experiência histórica:

Toda linguagem é historicamente condicionada, e toda história é linguisticamente condicionada. Quem desejaria negar que todas as experiências concretas que temos só se tornam experiências pela mediação da linguagem? É justamente isto o que faz a história possível. Mas, ao mesmo tempo, quero insistir que linguagem e história permaneçam separadas analiticamente, pois nenhuma das duas pode ser, na sua inteireza, relacionada à outra (KOSSELCK, 2006a, p. 134).

Que maneiras de ver um certo conjunto de práticas o conceito *sport* designava? No decorrer do tempo, como isso se foi alterando no sentido de incluir ou excluir certas atividades e posturas? A que estrutura de sentimentos isso atendia?

SPORT, DESPORTO, ESPORTE

Uma dimensão que devemos investigar são as condições que cada língua coloca para que um conceito seja formulado, a fim de expressar inteligibilidade. Richter chama a atenção para que não vejamos a tradução somente pelo viés da coerção, mas também a partir das ideias de releitura, interpretação, reformulação: “o problema real é definir o processo em marcha em seus próprios termos, e não

nos termos de uma teoria explanatória geral que pretende informar antecipadamente o resultado da dominação ou da hegemonia" (2006, p. 115). Por isso mesmo, argumenta o autor, a história dos conceitos "dedicou enorme atenção à tradução, à teoria da recepção, aos tipos de modificações que surgem quando os conceitos de uma língua mostram não ser completamente coincidentes com os conceitos de outra língua" (idem, p. 118).

Aqui temos uma importante discussão a ser procedida sobre as palavras que expressam o conceito de *esporte* em diferentes idiomas. A princípio, notadamente em seu formato moderno, uma "invenção inglesa", logo a prática esportiva desembarcou em outros países no seio dos contatos materiais e simbólicos que marcaram fortemente o século XIX com seus navios a vapor, telégrafos, comércio mundial. Nesse processo, as influências não foram lineares, lidaram com as peculiaridades históricas e culturais locais.

O que ocorreu no terreno linguístico? Em linhas gerais, os ingleses, no decorrer de seis séculos (do XV ao XX), promoveram mudanças conceituais ao redor de uma mesma palavra (*sport*)⁷; os franceses, nos séculos XIX-XX, passaram a usar o mesmo termo dos ingleses; os portugueses, depois de também utilizarem por um tempo o mesmo termo (no século XIX), mudaram os sentidos e passaram a usar, no século XX, uma palavra já existente desde o século XVIII (*desporto*); os brasileiros usaram o termo em inglês (século XIX), depois utilizaram o novo sentido da palavra *desporto* (início do século XX), mas também a traduziram para *esporte* (mais comum a partir da metade do século XX)⁸.

Discutamos um pouco mais o caso da língua portuguesa.

Naquele que é considerado o mais antigo dicionário de português, o *Vocabulário português e latino*, escrito no século XVIII por Raphael Bluteau, já se encontra a palavra *desporto* (originária do italiano *diporto*), descrita como "divertimento". Encontramos também *athleta*, para definir o "praticante de atividades atléticas", mais utilizada, em sentido figurado, para expressar a ideia de lutador (não necessariamente com mobilização física)⁹.

Vejamos que curioso: essas informações foram obtidas na versão digitalizada do livro, disponível no sítio do Instituto de Estudos Brasileiros, USP¹⁰. Já, em uma

7. Para mais informações sobre essa trajetória conceitual, ver o estudo de Melo (2010).

8. Vale registrar que, entre os espanhóis, o tema inclusive já chamou a atenção da Real Academia Espanhola. Para mais informações, ver o estudo de Rodríguez (2002).

9. Por exemplo, havia no século XIX alguns periódicos denominados *O Athleta*, que mobilizavam a palavra para definir o seu caráter antimonarquista.

10. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 10 maio 2009.

das edições do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não encontramos a palavra *desporto* (nem possíveis variáveis como *desporte*, *deporte*, *disporto*, *diporto*). O que explica essa divergência? Sabe-se que depois da primeira edição (escrita entre 1712 e 1721), Bluteau acrescentou, entre 1727 e 1728, mais cerca de 5 mil vocábulos. Foi provavelmente nesse segundo momento que apareceu o termo.

Podemos supor que se tratava de um momento em que a palavra começava a se tornar mais comum, sem ser ainda de uso generalizado. Identificamos que ela também não aparece no *Diccionario de língua portugueza*, de Bernardo de Lima e Mello Bacellar, de 1783; tampouco no *Novo diccionario da língua portugueza*, de 1806.

Em outros dicionários sucedâneos, a palavra já estará comumente presente. Por exemplo, no *Diccionario de língua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva, edição de 1813, *desporto* é definido como “divertimento”, mas também como “recreação”; *athleta* mantém a mesma acepção anterior. O mesmo se observa no *Diccionario da língua portugueza*, de José Maria d’Almeida e Araújo Correa de Lacerda, de 1859; no *Diccionario contemporâneo da língua portugueza*, de Antônio Lopes dos Santos Valente, de 1881; e no *Novo diccionario de língua portugueza*, de Cândido de Figueiredo, de 1899.

Vejamos agora o *Grande dicionário da língua portuguesa*, lançado após a aprovação do acordo ortográfico luso-brasileiro de 1945. *Desporto* já é prioritariamente descrito como “prática sistemática de exercícios físicos”; além disso, diferentemente dos outros, há a presença de derivados como *desportista*, *desportivo*, *desportismo*; o italiano *diporto* continua a ser apresentado como origem. Já há também a palavra *esporte*, apresentada como neologismo brasileiro, originário do inglês *sport*, usada no mesmo sentido do que *desporto*. Se considerarmos que os estudos de Melo (2001) demonstram que, na primeira década do século XX, ainda era comum o uso do termo em inglês, podemos mesmo supor que foi nas décadas de 1920 e 1930 que a palavra em português se tornou mais usual, justificando sua inserção nos dicionários da década seguinte.

Como dissemos, a despeito da existência da palavra *desporto*, tanto no Brasil quanto em Portugal, durante um bom tempo usamos *sport* (bem como termos em inglês para definir as peculiaridades da prática¹¹). Em Portugal, os primeiros periódicos especificamente dedicados à prática surgiram na virada do XIX para o XX, entre os quais: *O Campeão – Semanário de Litteratura, Crítica e Sport*, *Revista*

11. Apesar disso, pelo menos no Brasil, ainda no século XIX surgiram termos nacionais, como “tribofe”, para definir os tumultos nas competições esportivas, e “bacamarte”, para designar o cavalo de corridas de má qualidade.

de *Sport*, *Sport* e *Tiro*. No Brasil, o mesmo se passou; entre os títulos vemos *Brasil Sport*, *Campo e Sport*, *Correio Sportivo*, *Semana Sportiva*. Tanto lá quanto aqui, literatos como Ramalho Ortigão e Olavo Bilac (entre outros) usaram comumente a expressão inglesa.

Provavelmente o uso corrente da palavra *sport* tinha relação com o “perfil” dessa “novidade”, para o qual a língua portuguesa ainda não tinha instrumental para descrever. Pode também ter relação com o desejo de estabelecimento de ligações simbólicas com uma realidade “mais desenvolvida”. De qualquer forma, quais seriam as semelhanças e dessemelhanças dessa apreensão conceitual no Brasil e em Portugal? Em que cenário e por que deixamos de usar *sport*, *desporto* ganhou um novo sentido em Portugal e nós brasileiros passamos a usar *esporte* (depois de também usar *desporto*)? O que esses percursos teriam a nos dizer sobre as peculiaridades do fenômeno em nossas terras?

Vale a pena dialogar com uma ideia que, mesmo relativizada, é corrente nas propostas de Koselleck: “todo conceito só pode enquanto tal ser pensado e falado/expresso uma única vez. O que significa dizer que sua formulação teórica/abstrata relaciona-se a uma situação concreta que é única” (1992, p. 5). Isto é, mesmo que a palavra continue a mesma, o conteúdo pode ser distinto: “a história dos conceitos mostra que novos conceitos, articulados a conteúdos, são produzidos/pensados ainda que as palavras empregadas possam ser as mesmas” (idem, p. 7). Esse parece claramente ser o caso de *sport* na Inglaterra. Da mesma forma, mudanças nas palavras não necessariamente significam o abandono completo do fenômeno descrito: nesse caso inclusive devemos de novo lembrar as traduções.

De qualquer forma, os casos do Brasil e de Portugal merecem ser mais profundamente investigados em iniciativas futuras.

A HISTÓRIA DOS CONCEITOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA SOCIAL E A HISTÓRIA DO ESPORTE

Koselleck dedicou-se também a discutir as possíveis relações entre a história dos conceitos e a história social, partindo da constatação de que, a princípio, isso poderia parecer eivado de dificuldades: “A primeira [...] se ocupa, predominantemente, dos textos e vocábulos, [...] a outra se serve dos textos apenas para deduzir, a partir deles, a existência de fatos e dinâmicas que não estão presentes nos próprios textos” (2006a, p. 97). Contudo, argumenta, a história dos conceitos pode contribuir para que os historiadores sociais melhor compreendam o que exatamente pretendem estudar a partir do entendimento dos usos de linguagem daqueles que vivenciaram

os fatos investigados. Sem ser a única alternativa, é, sem dúvida, um importante indicador que não pode ser negligenciado:

A história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social e político (idem, p. 103).

O que se deve procurar é “registrar as diferentes designações para os fatos (idênticos?), de forma que lhe seja possível explicar o processo de cunhagem dessas designações em conceito” (idem, p. 11). Não se trata, lembremos, de reificar as questões linguísticas e abandonar outros esforços de pesquisa empírica, mas sim de afinar os instrumentais para os trabalhos de investigação:

A separação analítica entre cada afirmação linguística presente em todas as fontes textuais e a história concreta, o que deveria ser ou supostamente é, deve ser obrigatoriamente realizada de forma rigorosa do ponto de vista teórico. Só então posso perguntar às fontes textuais o que elas indiciam em relação à história concreta e que qualidades possuiriam para coproduzirem história enquanto textos (KOSELLECK, 1992, p. 12).

Isto é, pode ser operativo investir momentaneamente no linguístico, à busca de captar com maior acuidade o conceito com o qual se pretende operar. Trata-se, contudo, de esforço momentâneo, dado que logo a seguir o próprio conceito terá de ser prospectado contextualmente e inserido no quadro de análises/interpretações a que se propõe o pesquisador.

Esse esforço pode permitir acessar a ambivalência dos conceitos, que “por um lado expressam conteúdos de experiências, conjunturas, modos de pensar já sedimentados. Por outro, são projeções, visualizações de um futuro possível, projetos e prognósticos” (PEREIRA, 2005, p. 49). Teríamos em conta, assim, a relação entre o “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas”. A primeira dimensão seria “um passado presente”, aspectos que foram incorporados racionalmente ou inconscientemente, enquanto a segunda é o que no presente aponta para o futuro (KOSELLECK, 2006a). Mesmo que com alto grau de formalidade, essa noção se torna importante, e para nós motivo de interesse, porque conecta o estudo do passado com o presente.

Como esse conceito de esporte (que em linhas gerais estabelece relações com as noções de competição, de prática de atividades físicas, de promoção da saúde) com o qual hoje trabalhamos se foi constituindo? A partir de que instantes e atendendo a que estruturas de sentimentos houve câmbios? Parece interessante

para o historiador discutir como, no decorrer do tempo, se foram alterando os conceitos, sempre articulados a uma experiência e à recepção de sentidos.

Isso não significa resumir a compreensão ao que informam os atores em seu respectivo tempo, por pelo menos dois motivos: a) “há elementos pré-linguísticos que condicionam a história”; b) “há boa parte do histórico acontecido que não recebe articulação na linguagem local” (JASMIN, 2005, p. 33). Logo,

[...] se os atos de fala são únicos e os conceitos – não mais concebidos como substâncias capazes de vida própria – também são dependentes da experiência que os formulou, a recepção desses atos (ou de seus efeitos) se dá ao longo do tempo, constituindo diacronicamente uma tradição interpretativa (idem, p. 32).

Nesse sentido, a história dos conceitos teria a potencial contribuição de tornar mais preciso o estabelecimento de categorias de conhecimento, possibilitando

[...] conhecer a correspondência ou não de seu uso [do conceito] nas pesquisas com as estruturas e realidades vigentes. [...] O estudo conceitual pode servir para indicar à história social aqueles conceitos que podem servir como categorias formais de conhecimento por sua capacidade de significar permanências estruturais. Da mesma forma, pode mostrar significados que já não correspondem a nenhuma realidade, a estados de coisas que já se extinguiram (PEREIRA, 2005, p. 50).

Um rápido olhar sobre os estudos históricos do esporte no Brasil nos permite afirmar que majoritariamente são usadas as reflexões de Norbert Elias e de Pierre Bourdieu para definir o fenômeno esportivo. Mas em que medida efetivamente precisam o que é esporte? Ou melhor, não seria possível ser mais preciso? Esse esforço não poderia tornar mais eficiente o trabalho do historiador, inclusive no que se refere a buscar *insights* para olhar a atual configuração da prática?¹²

O que parece interessante é perceber que “permanência, transformações e inovação” podem ser compreendidas diacronicamente, permitindo-nos, inclusive, acesso a uma “estrutura profunda de sentimentos”. Uma história dos conceitos teria o potencial de detectar continuidades e rupturas, não mais entendidas de forma estanque, mas como constituintes de qualquer processo a ser estudado. Caminharíamos, assim, para superar a necessidade de escolher entre diacronia e sincronia:

A história dos conceitos, ao investigar as mudanças e permanências dos significados dos conceitos, pode indicar permanências estruturais na realidade social e contribuir para a elaboração e a crítica dos conceitos científicos atuais utilizados pela disciplina histórica (idem, p. 49).

12. Sobre os problemas na utilização de Elias e Bourdieu nos estudos do esporte no cenário internacional, ver Giulianotti (2004, 2005).

Podemos assim superar as comuns discussões sobre as “origens históricas” do esporte. Um olhar panorâmico nos permite identificar duas grandes tendências no que se refere ao tema: a) propugna-se que a manifestação esportiva já existia na Antiguidade, sendo perceptível em jogos que eram praticados por chineses, egípcios, gregos, romanos, entre outros; b) procura-se entendê-lo como um fenômeno moderno, que, mesmo apresentando similaridades técnicas com antigas manifestações culturais, possui sentidos e significados bastante diferenciados daqueles jogos “pré-esportivos”.

Burke (1995), ao comentar o crescimento do número de investigações históricas e sociológicas dedicadas ao esporte e ao lazer, afirma que estas majoritariamente partem da ideia de que há uma descontinuidade fundamental entre as sociedades pré-industrial e industrial, sendo os referidos fenômenos típicos da última. O argumento central é que “esses conceitos [esporte e lazer] não estavam disponíveis no período estudado” (s.p.).

Para o autor, essa não é uma questão trivial, já que afeta o sentido das ações que se pretende investigar. Mais ainda: Burke lembra o risco de considerar de forma muito linear a continuidade entre antigas e modernas práticas, sem questionar os diferentes significados a elas atribuídos em seu tempo. Todavia, afirma que a tese da descontinuidade também não é satisfatória, ainda que seja utilizada como uma tentativa de evitar o anacronismo. Assim sendo, sugere que “é impossível fugir de uma história das palavras, ou melhor, de uma história dos usos das palavras, de onde se percebe o sentido de estudar a emergência do conceito” (idem, s.p.).

Os povos da Antiguidade tinham um conjunto de práticas corporais, com algum grau de institucionalização (ainda que bem distinto das práticas modernas), por eles não denominadas de esporte. Ainda assim, algo dos conceitos lá construídos foi propagado por gerações e/ou mobilizado em certas ocasiões (mesmo que a partir de releituras).

Por exemplo, no século XIX, quando havia um grande debate sobre as formas adequadas de preparação do “corpo moderno”, surge uma forte tendência de, desde uma leitura peculiar do modelo de corporeidade grega, encará-la como exemplo a ser seguido à busca de construção da ideia de harmonia, perfeição, saúde. À “decadência” do urbano moderno, que na apreensão do momento em muito lembrava a Roma antiga e o ambiente repressor da cristandade medieval, era apresentada em contraposição uma ideia paradisíaca de Grécia antiga, povoada de poetas e atletas¹³.

13. Para uma discussão sobre tal aspecto, ver artigo de Melo (2007b).

Não tendo existido na Antiguidade, em determinado momento se sistematiza uma palavra *sport*, que passou a expressar um determinado conceito. A palavra se manteve, os conceitos foram-se alterando, até que se conformou o que chamamos de *esporte moderno*. Os conceitos seguiram-se modificando, surgiram mesmo neologismos (ou adendos como *esportes de quadra*, *esportes náuticos*, *esportes de natureza*, *esportes radicais*).

O esforço a ser entabulado, portanto, não é o de buscar as origens, mas sim situar de que momento estamos falando, a partir da compreensão de que nesse percurso, que atendeu em cada instante a condições históricas específicas, os conceitos carregam marcas da continuidade e da ruptura. Como bem define Koselleck,

[...] a identificação do nível de generalização sobre a qual se está trabalhando – e isso diz respeito a toda história social que investigue duração, tendências e prazos – só pode ser conseguida com a reflexão sobre os conceitos ali empregados, que por sua vez auxiliam a identificação, do ponto de vista teórico, da relação entre o acontecimento e a estrutura, ou a justaposição de permanência e alteração (2006a, p. 117).

Mais ainda: esse esforço torna-se fundamental para pensar a própria natureza das contribuições da história: “O historiador deve se ocupar dessas analogias, porque se encaramos os acontecimentos singulares simplesmente como eventos radicalmente únicos, particulares, jamais poderemos explicá-los” (KOSELLECK, 2006b, p. 140).

Nesse sentido é que o historiador alemão desconfia de qualquer investigação que não tenha claros os conceitos: estes seriam categorias formais que permitem ao pesquisador sair da espuma dos acontecimentos e mergulhar nas estruturas e melhor representar o que pretende investigar, suplantando a equivocada dicotomia evento-estrutura.

As peculiaridades das proposições da história dos conceitos nos motivam, ainda, a discutir algo com o que temos estado preocupados no que se refere aos estudos históricos do esporte no Brasil: a fragmentação e o não estabelecimento de investigações de maior alcance. Melo (2007a) observa que, em nosso país, “uma característica marcante observada [...] é que normalmente se trata de estudos locais ou regionais, relacionados a cidades ou estados, clubes, personalidades, fatos ou temas específicos” (p. 14). Mesmo reconhecendo a importância desses esforços, as questões lançadas são:

Não estaríamos perdendo a visão do “todo” em função da fragmentação das abordagens? Como ampliar nossa visão acerca da realidade nacional sem crer que essa é simplesmente o resultado da soma dos entendimentos locais? Como construir hipóteses mais amplas,

pensando, por exemplo, no cenário latino-americano, contexto no qual estamos inseridos não somente por questões geográficas, mas também por relações históricas, culturais e políticas? Como fazer dialogar a produção brasileira com o que tem sido produzido internacionalmente? (idem, p. 4).

No referido artigo, buscou-se refletir sobre as possíveis contribuições (e limites) do método da história comparada para ampliar os olhares sobre a trajetória do fenômeno esportivo. A história dos conceitos não só não contradiz essa ideia como pode mesmo aperfeiçoá-la. Pode contribuir para miradas de mais longo prazo, para melhor compreensão das experiências distintas e mesmo para refinar nossas investigações mais restritas no tempo e no espaço, na medida em que nos permite entender sua inserção em uma trajetória mais ampla¹⁴.

À GUIA DE CONCLUSÃO

É possível (e válido) pensar em uma história do conceito esporte? Essa foi a pergunta básica a qual tentamos responder. Ao final, parece-nos possível responder afirmativamente, embora, temos de reconhecer, devemos seguir afinando nossos instrumentos de interpretação e entabulando mais esforços de investigação, para que tenhamos mais clareza das possíveis contribuições.

Para concluir, quero fazer eco a uma reflexão (provocação?) de Feres Júnior (2007), por mais que, em certo sentido, ela problematize o uso do principal teórico por nós utilizado:

[...] acho que se tomarmos a história dos conceitos da maneira como ela foi proposta por Koselleck, e é praticada por muitos historiadores mundo afora, não iremos muito longe no desvelamento e crítica de nossa condição colonial. Para essa tarefa precisamos nos libertar da gaiola de ferro do sistema koselleckiano, e de qualquer outro que possa nos prender; e experimentarmos nossas próprias ideias, é claro, nos apropriando aqui e ali das boas ideias de autores como Koselleck, por exemplo, entre tantos outros, mas de maneira regional, limitada, controlada.

Muito nos interessa a posição de Feres Júnior sobre a necessidade de desvelar os conceitos no âmbito de uma condição colonial. Mais ainda, deve ser considerada sua provocação sobre extrapolar o pensamento de Koselleck, adequando o olhar sobre a história dos conceitos à nossa peculiaridade e realidade. De qualquer forma,

14. Para uma discussão sobre as possíveis relações entre a história dos conceitos e a história comparada, ver estudo de Pimenta (2008).

dado inclusive o carácter introdutório deste estudo, creio ser possível afirmar que parecem alvissareiras as perspectivas.

For a conceptual history of sport: dialogue with Reinhart Koselleck

ABSTRACT: Reinhart Koselleck was a German historian who devoted himself to researches and discussions related to the theory of history and modern and contemporary history. From the dialogue with his ideas, this article aims to present some notes on the contributions of the conceptual history for the investigations which have as their object institutionalized body practices, including the sport, hoping to collaborate to draw attention to the need to increase the rigor and depth of analysis/interpretation related to these objects.

KEY WORDS: History of sports; conceptual history; theory of history.

Por una historia del concepto deporte: diálogo con Reinhart Koselleck

RESUMEN: Reinhart Koselleck es un historiador alemán que se dedicó a la investigación y el debate relacionado con la teoría de la historia y la historia moderna y contemporánea. Es desde el diálogo con sus ideas que este artículo tiene como objetivo presentar algunas notas sobre las contribuciones de la historia de los conceptos para las investigaciones que tienen por objeto las prácticas corporales institucionalizadas, entre las cuales el deporte, con el intuito de colaborar para llamar la atención sobre la necesidad de aumentar el rigor y la profundidad de análisis e interpretación en relación a estos objetos.

PALABRAS CLAVES: Historia del deporte; historia de los conceptos; teoría de la historia.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, B. de L. e M. *Dicionario de língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de J. de A. Bulhões, 1783.

BARROS, J. d'A. *O campo da história*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, cogmatico, etc., autorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e oferecido a el-rey de Portugal D. João V. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.*

BOOTH, D. From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history. *International Sports Studies*, v. 22, n. 2, p. 5-20, 2000. Disponível em: <<http://la84foundation.org/SportsLibrary/ISS/ISS2202/ISS2202c.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2009.

BURKE, P. *The invention of leisure in early modern Europe. Past Present*, v. 146, n. 1, p. 136-150, fev. 1995. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m2279/fs_n146/ai_17249828/>. Acesso em: 10 maio 2009.

_____. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COAKLEY, J.; DUNNING, E. *Handbook of sports studies*. Los Angeles: Sage, 2000.

FERES JÚNIOR, J. Entrevista com João Feres Júnior. *Habitus*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/5jferes.htm>>. Acesso em: 10 maio 2009.

FIGUEIREDO, A. C. de. *Nôvo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

GIULIANOTTI, R. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity, 2005.

_____. (Org.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

GRANDE DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa: Confluência, 1945.

HILL, J. British sports history: a post modern future?. *Journal of Sport History*, v. 23, n. 1, p. 1-19, 1996.

HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. New York: Oxford University Press, 1989.

JASMIN, M. G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 27-38, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a02v2057.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2009.

_____. *Entrevista para a Editora da PUC-Rio*. 2007. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/editorapucio/autores/autores_entrevistas_jasmin.html>. Acesso em: 6 maio 2009.

_____.; FERES JÚNIOR, J. Dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Edições Loyola, luperj, 2006. p. 9-38.

KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/101.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2009.

_____. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: Contraponto, Eduerj, 1999.

_____. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-Rio, 2006a.

_____. Entrevista com Reinhart Koselleck. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, J. (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Edições Loyola, luperj, 2006b. p. 140-169.

LACERDA, J. M. de A. e A. C. de. *Diccionario da lingua portugueza de Eduardo de Faria*. 4. ed. [...] refundida, correctá e argumentada [...], seguido de um *Diccionario de synonymos*. Lisboa: Francisco Artus da Silva, 1859.

MELO, V. A. de. *Cidade sportiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, 2001.

_____. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007a. p. 13-32.

_____. De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2006): problematizando a presença da Antiguidade clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte. *Phoenix*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 350-376, 2007b.

_____. *Esporte e lazer: conceitos – Uma introdução histórica*. Rio de Janeiro: Apicuri, Faperj, 2010.

NOVO DICIONARIO DA LÍNGUA PORTUGUEZA. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1806.

PALONEN, K. Entrevista com Kari Palonen. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Loyola, luperj, 2006. p. 125-133.

PEREIRA, L. R. *A história e o diálogo que somos: a historiografia de Reinhart Koselleck e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer*. Dissertação (Mestrado) – Curso de História Social, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

PIMENTA, J. P. G. História dos conceitos e história comparada: elementos para um debate. *Almanak Braziliense*, n. 7, maio 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SI808-81392008000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2009.

RICHTER, M. Entrevista com Melvin Richter. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, J. (Org.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Loyola, luperj, 2006. p. 111-124.

RODRÍGUEZ, J. C. *Tendencias actuales del idioma del deporte*. Salamanca: Edição do Autor, 2002.

SILVA, A. de M. *Diccionario da lingua portugueza, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1813.

VALENTE, A. L. dos S. *Diccionario contemporaneo da língua portuguesa*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1881.

Recebido: 1 ago. 2009

Aprovado: 4 abr. 2010

Endereço para correspondência:

Victor Andrade de Melo

Largo de São Francisco, 1, sala 311

Rio de Janeiro-RJ

CEP 20051-070